

OPORTUNIDADE A NÃO PERDER

por Mário Soares

Portugal, pela terceira vez, vai exercer a presidência da União Europeia. A seguir à Alemanha, em 1 de Julho de 2007. É uma enorme responsabilidade mas, igualmente, uma oportunidade importante a não perder.

Portugal é um Estado-nação com uma forte identidade nacional - não o esqueçamos - e com uma razoável coesão social, que urge estimular. É, além disso, um país profundamente europeísta, onde se estabeleceu, mesmo antes da adesão, um amplíssimo consenso político, social, cultural e empresarial, quanto à participação na CEE, hoje União Europeia. Mais de vinte anos após, o Povo Português tem plena consciência do que ganhou com a adesão e do que deve ao apoio da União. Quanto a isso não há, praticamente, dúvidas.

A presidência portuguesa vai exercer-se num momento de grande indefinição e desnorte quanto ao projecto europeu e de grave crise mundial. Felizmente que a presidência incumbe, neste primeiro semestre de 2007, à Alemanha, onde existe também um grande consenso nacional quanto ao avanço da construção europeia. A chanceler Angela Merkel, que é uma europeísta convicta, seguindo as pisadas do seu ilustre predecessor, Helmut Kohl, já repôs na agenda dois dos problemas fundamentais, que têm paralisado a construção europeia: retomar a questão do Tratado Constitucional (já ratificado por dezoito Estados-membros), ainda que se façam algumas correcções; e renovar a parceria estratégica global União Europeia-Estados Unidos, num momento em que a América do Norte, pela primeira vez, precisa seriamente da Europa, para sair das desastrosas políticas, em todos os domínios, em em que a Administração Bush meteu não só os Estados Unidos mas o próprio Ocidente, no seu conjunto.

Uma Europa a 27 Estados não pode ser governada sem regras claras jurídico-institucionais, que permitam decidir com rapidez, e falar, para o exterior, a uma só voz. Sobretudo sendo a União um dos polos económico, tecnológico, cultural e ambiental dos mais importantes e criativos do Planeta. A Constituição renovada ou reformulada não resolverá tudo, obviamente, mas representa um salto em frente que é preciso dar. Há Estados-membros reticentes à União, como o Reino Unido, e outros que por razões políticas conjunturais ou inadaptação não estão preparados para dar esse salto.

Pois bem, só há uma solução, mas dessa não podemos abdicar: os Estados-membros que não queiram avançar, ficam como estão, mas não impedem os que desejam seguir em frente de o fazer. Adoptemos a solução euro ou Schengen; criemos outras cooperações reforçadas ou voltemos à teoria dos dois círculos concêntricos, de que falou Mitterrand e de que é hoje entusiasta o actual primeiro ministro da Bélgica, Guy Verhofstadt. Não podemos é deixar tudo na mesma - na paralisia institucional em que permanecemos há dois anos - sob pena da União correr o risco de se desagregar e perder todo o seu poder de atracção.

Espero que durante a presidência alemã as coisas se irão esclarecer... Há eleições presidenciais em França em Maio - que serão decisivas, neste ponto - no Reino Unido a saída de Blair, neste aspecto, não irá alterar grande coisa, em Itália, a crise do governo Prodi terá passado, mas haverá (julgo), na hora da verdade, mais de vinte Estados-membros dispostos a avançar para uma verdadeira União Política, Económica, Social e Ambiental. Com vontade política e um mínimo de coragem, espero.

Quanto à parceria Euro-Americana (ou Atlântica), para avançar, é indispensável uma mudança radical na política dos Estados Unidos. A era Bush deu o que tinha a dar. O unilateralismo imperial foi um desastre. A globalização neo-liberal, outro. A pobreza generalizada é o reverso da globalização e esta responsável pela criminalidade internacional, a uma escala nunca vista, que vai do contrabando nuclear ao tráfico de órgãos humanos e à instalação de uma economia paralela global que representa, segundo Moisés Naím, um décimo do PIB mundial.

As elites primeiro, e a opinião pública esclarecida, depois dos Estados Unidos, já perceberam que tudo estava errado nas políticas de Bush, de Blair, de Aznar e de tutti quanti: a economia, as questões ambientais, as concepções geo-estratégicas globais, a luta contra o terrorismo islâmico, tal como foi conduzida, recorrendo tão só à força bruta, o desprezo pelas Nações Unidas, o arrogante unilateralismo...

Mas Bush tem ainda um ano e meio de mandato em termos da mais estricte legalidade. Mas perdeu toda a legitimidade moral e política para governar. Como descalçar esta bota? E mais: como sair do Iraque, do Afeganistão e propor de novo - voltando à estaca zero - um caminho de paz palestino-israelita? Como conter o Irão, na sua escalada, sem o atacar - o que seria outra colossal catástrofe, com resultados absolutamente imprevisíveis - e sem se servir da interposição israelita?

É aqui que tem de entrar a criatividade europeia em conexão com os democratas americanos. Há que encontrar uma saída para tirar o Ocidente do enorme impasse para onde foi empurrado pela cegueira dos neo-cons evangélicos-judaicos que estão por detrás de Bush. Até ao fim de 2007. Porque 2008 já é ano de eleições para os Estados Unidos. E é aqui que um pequeno país, como Portugal, na Presidência da União, com bom senso, coragem política e a ajuda dos seus aliados, poderá desempenhar um papel histórico.

Lisboa, 1 de Março de 2007